

## Domingo à tarde

### INTERMÉDIO

Sílvia, no esplendor dos seus 15 anos, era uma rapariga que celebrava a vida a cada lufada de ar que respirava. E se ela respirava! Respirava e transpirava. Ia de bicicleta para todo o lado, pela estrada e pelos caminhos e carreiros de floresta. Alistou-se nos bombeiros, onde ajudava a enrolar mangueiras e a lavar jipes. Montava uma cabra mocha, tinha um viveiro de sardaniscas, tomava banhos de rio, tinha um esconderijo debaixo de uma laje da adega, onde guardava o seu diário e outros objetos preciosos, sabia fazer espantalhos muito engraçados, de várias cores e feitios, que realmente espantavam os melros das sementeiras. Sílvia não tinha paragem.

Nos anos oitenta, nas aldeias, era normal as crianças saírem de manhã para fazer todo o tipo de asneiras. Só vinham a casa para comer. Só vinham a casa para comer. As mães, se lhes queriam alguma coisa, tinham de vir à rua e gritar várias vezes pelos nomes dos filhos.

A casa de Sílvia ficava num outeiro. Com a inclinação do terreno, era fácil subir ao telhado do galinheiro, pelo lado de cima, onde a parede era menos alta. Sílvia ficava sentada no cume do telhado durante muito tempo, a contemplar a várzea lá em baixo: a luzerna a ondear suavemente nos seus diferentes tons de verde; os salgueiros, mais ao fundo, de um lado e de outro da ribeira, a escondê-la com a sua folhagem densa; um rebanho de ovelhas branquinhas, que, ao longe, formavam um grande novelo de algodão.

O que é que este pequeno pedaço do globo terrestre tem a menos do que Paris, Nova Iorque ou Hong Kong? – pensava Sílvia. E tinha razão.

Sílvia, por momentos, atormentava-se com pensamentos esquisitos. Por exemplo, acreditava piamente que podia ter nascido com o corpo de um cão, porco ou escaravelho. Os cães, que vagueavam pelas ruas da aldeia, mesmo os que tinham dono, eram muito maltratados. Os porcos eram para matar e comer. E os escaravelhos, bom, são escaravelhos, sem perspectivas de futuro, ao contrário das lagartas, que se transformam em borboletas. E então regozijava-se com a sorte de ter nascido humana.

Na escola, Sílvia era a melhor aluno. Ficava-lhe tudo na cabeça à primeira: Gostava de fazer exercícios de Matemática, porque acertava quase sempre. Ajudava sempre os colegas com mais dificuldades e isso envaidecia-a. Em frente à escola, morava uma senhora de cadeira de rodas, muito beata, que, regularmente, os alunos iam visitar para lhe fazer companhia. Sílvia também ia. Essa senhora dizia com frequência, perante todos, que Sílvia era uma menina especial. Tudo isto lhe dava um sentimento de satisfação e autoconfiança que a tornava cada vez mais segura de si, mais aberta e comunicativa com todos. Sílvia era, portanto, uma verdadeira celebridade na sua aldeia. Todos a conheciam, a admiravam e gostavam

de falar com ela. Ela dizia o que pensava, procurava sempre ser justa no que dizia e sabia ouvir os outros. Ao mesmo tempo, era humilde e não queria dar nas vistas. Enfim, Sílvia preparava-se para ser uma mulher às direitas.

Faltava-lhe só aprender mais sobre o mundo à sua volta. Por isso, fazia um esforço grande para ler muito. Às sextas-feiras à tarde, estava sempre estacionada no largo da Casa do Povo a carrinha-biblioteca da Gulbenkian e, todas as sextas-feiras, Sílvia ia lá entregar e trazer um livro. Só a carrinha já era uma coisa do outro mundo. Era um modelo antigo, uma Citroën HY com duas portas traseiras que se abriam de par em par. Sílvia gostava de entrar na

carrinha e ficar a apreciar as paredes forradas de estantes cheias de livros marcados com fitinhas de cores. As fitinhas azuis eram as da literatura, que era o que ela costumava levar. Miúdos e graúdos entravam, abriam e fechavam os livros à vontade, a ver se tinham figuras, do que é que tratavam, o que diziam sobre o autor... riam-se e mostravam isto e aquilo uns aos outros. A troca de livros também era um pretexto para as pessoas se encontrarem e havia sempre alguma animação.

É verdade que Sílvia ia todas as semanas buscar um livro. O pior era lê-lo. Sílvia espantava-se como as semanas podiam passar tão depressa. Quantas e quantas vezes ela ia entregar o livro sem nunca o ter aberto. Gastava os dias da semana nas brincadeiras do costume e a sexta-feira seguinte chegava num instante.

Um dia, em que estava na carrinha a entregar um desses livros que não tinha lido, encontrou Firmino, um rapaz pacato e bem-parecido, com quem às vezes Sílvia trocava olhares tímidos. O livro que Sílvia ia entregar era o romance Domingo à Tarde, de Fernando Namora. Firmino perguntou-lhe de que tratava o livro e Sílvia, sem mais nem para quê, dá em mentir e dizer que o livro era muito interessante, que era a história de uma rapariga que saiu de casa para viajar pelo mundo. Depois de dizer isto, Firmino ficou à espera que Sílvia continuasse e então Sílvia, mostrando, inesperadamente, todo o à-vontade do mundo, prosseguiu:

– A rapariga desta história vai mudando de cidade e trabalha em vários sítios. Tem muitos amigos e tudo lhe corre bem. Um dia, vê um assalto e vai à esquadra de Polícia contar aquilo que viu, mas – azar! – o chefe da Polícia é cúmplice no assalto. Ela vai sofrer várias ameaças.

Sílvia lia pouco, mas tinha uma imaginação muito fértil.

Depois de ouvir o falso resumo da história, Firmino disse:

– Sim, parece interessante. Vou levá-lo.

Sílvia sentiu então um aperto súbito no coração. Uma angústia amarga como nunca tinha sentido antes. Durante duas ou três semanas, quis acreditar, absurdamente, que a história que tinha inventado, do

nada, podia coincidir com a história do livro. Sabia, claro, que tal era impossível, mas tinha essa crença absurda. Finalmente, ganhou coragem para ir de novo à carrinha e requisitar outra vez o mesmo livro. Foi cautelosa e discreta. Pôs-se a observar de longe o momento em que a carrinha tinha menos gente lá dentro ou à entrada. Queria sobretudo certificar-se de que Firmino não estava lá. Sentia-se idiota por estar a vigiar as pessoas às escondidas. Sabia que estava a ter um comportamento altamente reprovável. Não se reconhecia a si mesma.

Mal chegou a casa, começou a ler o livro. Leu-o de rajada. Depois de o ler, ficou ainda mais angustiada. Domingo à Tarde é uma história tristíssima. Um médico apaixonou-se pela sua doente e, apesar de todos os seus esforços, não a consegue salvar. Sílvia sentiu um mal-estar agudo quando o livro chegou ao fim. Estava baralhada nos seus sentimentos. Sabia que se tratava de obra de ficção e que, portanto, aquela história não tinha acontecido tal como era ali contada. Mas e se tivesse um fundo de verdade? Se só os nomes e os pormenores fossem inventados? Afinal Fernando Namora tinha sido médico, dizia na contracapa do livro. Provavelmente, aquela era uma história baseada em factos reais. O que ela tinha feito tinha sido desrespeitar totalmente aquelas pessoas, fictícias ou não, ao mentir estupidamente sobre a história! Que vergonha! Porque é que tinha mentido? Parecia que o diabo, ou qualquer força negativa interior, a tinha tentado a fazer aquilo. Considerava-se agora um verme. Mentir é sempre vergonhoso. Ela sabia-o. «Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo», «a mentira tem pernas curtas», «atrás de mentira, mentira vem». Estava farta de saber isso tudo. Não suportaria, ela própria, que lhe mentissem. Já muitas vezes lhe tinham escondido a verdade. Os adultos eram hábeis nessas jogadas. Mas isso não é exatamente a mesma coisa que mentir. Ainda por cima mentir a propósito de nada, como foi o seu caso. Porque não disse simplesmente que não tinha tido tempo de ler o livro? Mas não! Quis armar-se em boa! E autocensurava-se. Qual é a razão deste seu comportamento? Ela já era considerada inteligente por toda a gente na aldeia... Ninguém a desconsideraria por ela não ter lido um livro.

Como é que agora ia desfazer o erro que tinha feito? Se fosse um erro com uma justificação e com consequências, digamos, reais e penosas para ela própria, seria um erro que poderia ser confessado, um erro pelo qual se podia pedir perdão. Mas um erro ridículo e infantil é muito mais difícil de admitir. A reação é a risota, é a humilhação, mais nada. Como não houve circunstâncias que motivassem aquela mentira, a única conclusão que se pode tirar é a de que a mentira surge por causa do carácter da pessoa, que é instável e leviano. Sílvia não era agora, aos seus próprios olhos, uma pessoa de confiança. Já não podia confiar nela própria. Todos estes pensamentos abalaram profundamente a sua autoestima, orgulho e amor-próprio.

A partir deste episódio sem importância prática, Sílvia passou a ser muito mais autorreflexiva e a tomar atenção ao seu próprio comportamento. Questionava-se, frequentemente, sobre os verdadeiros motivos de atuar de uma maneira e não de outra. Passou a vigiar as suas atitudes e a não dar como certo que tudo o que fazia era correto ou com motivações justas. Mas, sobretudo, passou a admitir que, muito provavelmente, ia ter na sua vida momentos de fraqueza, cobardia e idiotice.

Por exemplo, a idiotice de evitar cruzar-se com Firmino a todo o custo. Assim que o via ao longe, mudava de direção. Desistiu do clube de teatro em que ele também estava e deixou inclusivamente de frequentar a carrinha-biblioteca.

Um dia, vinha a descer a rua de bicicleta e Firmino vinha a subir. Assim que o viu, pôs-se a pedalar mais depressa, a fingir que tinha muita pressa e que não podia parar para falar. Mas levava um saco de limões pendurado no guiador e com o balanço do pedalar mais vigoroso, o saco ficou preso na roda da frente e Sílvia estatelou-se no chão, pouco depois de se ter cruzado com o rapaz. Grande azar. Firmino ajudou-a a levantar-se, perguntou se ela estava bem, apanhou-lhe os limões que, entretanto, se espalharam pela rua afora. Depois, ficaram a falar um bocado, sobre isto e aquilo. Passados dias, Sílvia encontrou Firmino numa festa de anos. Depois, foi num jogo de futebol importante, entre distritais.

Nunca Firmino aludiu ao livro. Resta a dúvida: porque quis poupar Sílvia à humilhação ou porque também ele nunca o chegou a ler? Para Sílvia era indiferente. Continuava a amargurar-se por ter mentido, ter sido fraca, ter falhado, como todas as outras pessoas, afinal.

Mal sabia ela que esta consciência moral era o que a tornava ainda mais excepcional.

## **Ficha Técnica**

**Título:** “Domingo à tarde”

**Obra:** Contos com nível (B1)

**Autoria:** Ana Sousa Martins

**Editora:** LIDEL

**Edição:** 1.<sup>a</sup>

**Páginas:** 92-98

**Ano:** 2019